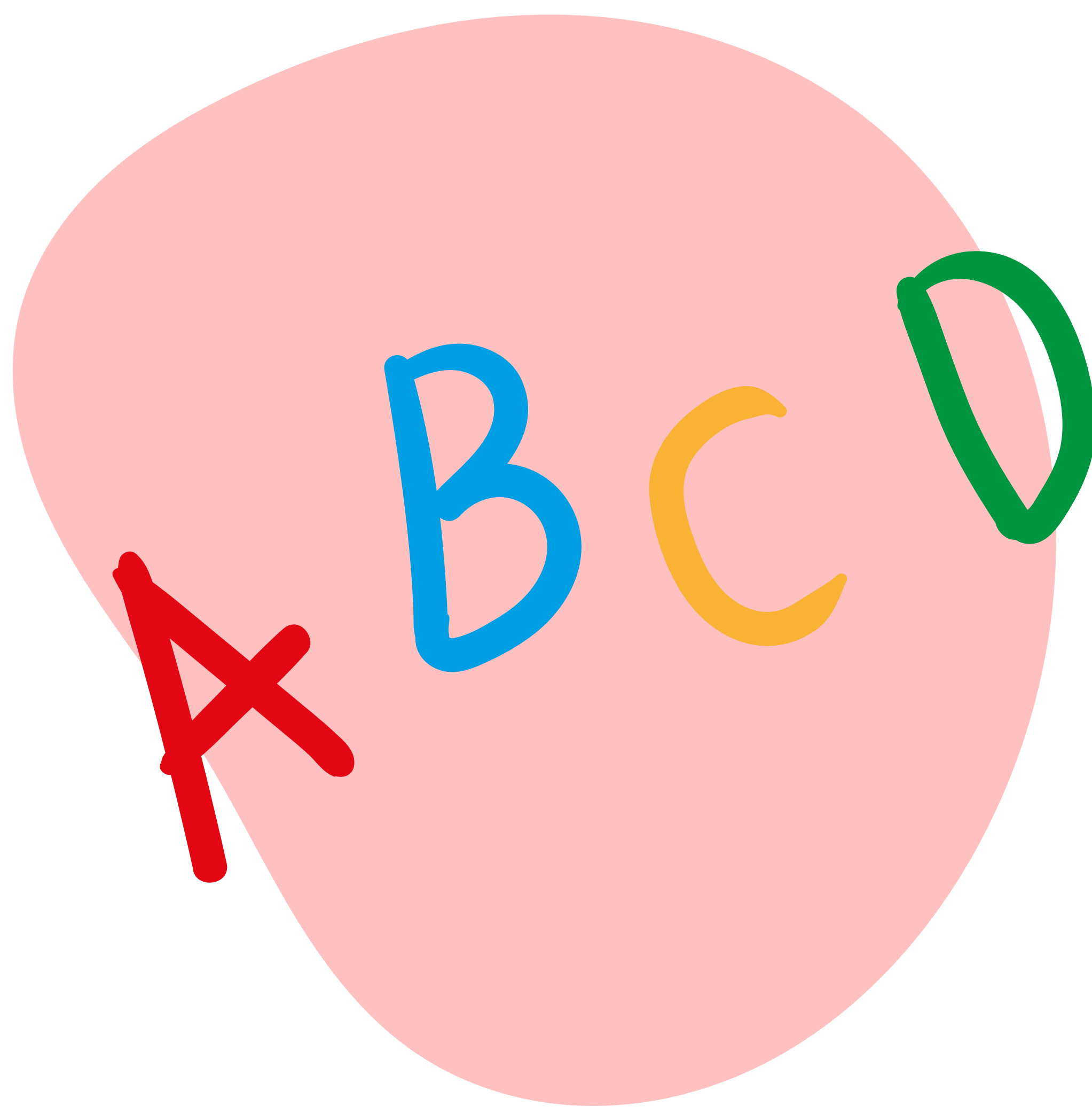




INSTRUMENTO DE CURADORIA PARA/SOBRE A ALFABETIZAÇÃO

Elisabete Maria Rosa

Prof^a Dr^a Doris Pires Vargas Bolsan

Março de 2025
Santa Maria - RS

SUMÁRIO

01

Apresentação

02

Eixo 1 - Usos e Funções da Língua

03

Eixo 2 - Escrita Espontânea

04

Eixo 3 - Produção Textual

05

Eixo 4 - Consciência Fonológica

06

Eixo 5 - Leitura Deleite

01 Apresentação

Este produto contempla a investigação desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional/Mestrado Profissional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), integrando a Linha de Pesquisa 2 (LP2): Gestão Pedagógica e Contextos Educativos, o qual teve como objetivo principal compreender os diferentes saberes e fazeres mobilizados pelos professores no processo de construção da leitura e da escrita nos primeiros anos de alfabetização. Como objetivos específicos identificar quais saberes e fazeres são acionados pelas professoras alfabetizadoras para realização das atividades de leitura e de escrita no contexto da alfabetização; conhecer as percepções e abordagens dos professores diante dos desafios envolvidos na prática da alfabetização.



Nesta pesquisa realizamos entrevistas com as professoras alfabetizadoras a fim de produzir os dados para o estudo e assim construir o produto ora proposto. Participaram cinco professoras alfabetizadoras do 1º e 2º anos da rede estadual de ensino do município de Santa Maria-RS. A pesquisa desenvolvida caracteriza-se por uma abordagem narrativa sociocultural, sustentada nos estudos de Vygotsky (2007), Bakhtin (2006) e Bolzan (2019).

Nessa direção, Bolzan (2009a, p. 73) evidencia que: “Um dos aspectos mais importantes do uso das narrativas na investigação é o fato de enfocarmos a voz do sujeito que é narrado e a voz de quem o narra”. Nesse tipo de abordagem, o investigador e os participantes assumem a responsabilidade de relatar os fatos vividos no contexto da sala de aula nas turmas em processo de alfabetização.

As entrevistas foram fundamentadas em tópicos guia, os quais serviram de base para o estabelecimento do diálogo (Gaskell, 2002). A partir do processo interpretativo das entrevistas definimos a docência alfabetizadora como uma grande categoria, que se desdobrou nas seguintes dimensões: conhecimento sobre a trajetória pessoal e profissional da professora alfabetizadora; no conhecimento sobre seus saberes docentes e, por fim, no debate em problematização acerca da organização do trabalho pedagógico.

Para a realização deste estudo, contamos com a colaboração de uma escola estadual que atende desde a educação infantil até o ensino médio. Assim, a pesquisa foi realizada com a participação de cinco professoras atuantes no ciclo de alfabetização, foco da nossa investigação, e os encontros foram pautados pelas narrativas docentes acerca dos saberes e práticas pedagógicas desenvolvidos no cotidiano.

A pesquisa teve cinco encontros presenciais e individuais para realização das entrevistas com as cinco professoras de primeiros e segundos anos do ensino fundamental, sendo que uma das professoras atua em um dos turnos com uma turma de segundo ano e no outro turno com uma turma de terceiro ano. Além disso, nos reunimos para debater as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas professoras a partir do quadro suporte oferecido para problematizar o trabalho pedagógico proposto.





Também nos reunimos para tratar do trabalho pedagógico e sua organização, momento no qual exploramos o quadro de atividades com os seguintes elementos: leitura suas práticas sociais de uso e dinâmicas de suas atividades; escrita suas práticas sociais de uso e dinâmica das atividades. Essas duas faces da alfabetização exigem do professor acionar saberes capazes de subsidiá-lo para a organização do trabalho pedagógico. Logo, os conhecimentos disciplinares, experienciais, pedagógicos e curriculares estão em destaque para que a dinâmica da alfabetização seja exitosa. Nesse sentido exploramos juntamente com as colaboradoras possibilidades de organização de seus próprios quadros.

As professoras fizeram um esforço para refletir e trazer contribuições, entretanto, como não era uma prática delas, disponibilizaram-se a completar o quadro oferecido. O ponto de partida para o debate e reorganização do trabalho pedagógico referenciado pela proposta está no quadro que segue.



SUPORTE PARA ORGANIZAÇÃO DO PRODUTO



	ATIVIDADES	PRÁTICAS SOCIAIS DE USO	PROPOSTA DE TRABALHO
L E I T U R A	1. Leitura compartilhada	Mostrar a estrutura do livro, capa, ilustrações, como ler com entonação.	Leitura de livros em conjunto.
	2. Contação de histórias	Estimular a imaginação, Compreensão auditiva; E, promover o gosto pela narrativa.	Contar histórias de forma oral ou utilizando livros ilustrados.
	3. Jogos de palavras	Reforçar o reconhecimento de palavras, mostrar o vocabulário e estimular a memória visual.	Jogos de memória com palavras escritas, trabalho em grupo.
E S C R I T A	1. Atividades de Escrita Criativa: história em quadrinhos, diários ou blogs imaginários, criação de poemas, fábulas reinventadas	Criação de suas próprias histórias, diários, blogs, poemas. Explorar diferentes formas de poesias.	Desenvolver a expressão criativa, incentivando a auto expressão, trabalho em duplas.
	2. Caça às letras	Reforçar o reconhecimento de letras e familiarizar-se com o alfabeto.	Procurar e identificar letras específicas em livros, jornais ou cartazes. Distribuir jornais, revistas, cartazes, tesouras, cola e organizar a turma em grupos de 3 alunos.
	3. Criação de Cartões ou Livros Caseiros	Estimular a prática de escrita, permitindo criar suas próprias histórias ou cartões.	Produção de pequenos livros ou cartões com palavras simples, trabalho individual.
	4. Histórias coletivas	Desenvolver habilidades colaborativas, prática de escrita sequencial.	A turma começa a criar uma história juntos, em um grande círculo na sala. Cada aluno contribui com uma frase ou um parágrafo, e a história continua em um formato de revezamento.

O quadro permitiu nossa problematização em torno das práticas de leitura e escrita e os saberes acionados para sua reorganização.

Assim, partirmos do estudo realizado, buscando construir conhecimentos a respeito da identificação dos diferentes saberes mobilizados pelos professores no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita, bem como o reconhecimento da dinâmica pedagógica que os docentes implementam para desenvolverem as atividades de leitura e escrita em seu cotidiano. Também buscamos conhecer a maneira como os professores se colocam perante os desafios de aprender a ser um alfabetizador, identificando, seus saberes diante dos desafios envolvidos nas práticas da alfabetização.

Os achados encontrados forneceram subsídios para a elaboração de um produto educacional, o qual consiste em um Instrumento Curador para/sobre a Alfabetização. Este material apresenta os principais conceitos, estratégias e recursos para a alfabetização, com base na psicogênese da língua escrita. Contudo, consideramos que outros autores que possuem base epistemológica comum ou mesmo aproximam-se do mesmo campo epistêmico podem contribuir para que os alfabetizadores possam ampliar referências acerca do campo no qual atuam. Assim indicamos elementos capazes de favorecer a organização do trabalho pedagógico proporcionando a expansão dos saberes docentes voltados ao campo da leitura e escrita iniciais.



O produto visa apoiar os docentes no desenvolvimento de uma prática pedagógica crítica, fundamentada em teorias alfabetizadoras, e promover uma educação inclusiva e de qualidade para os estudantes.

No tecer desses diálogos alguns aspectos relevantes puderam ser reconhecidos, como por exemplo o contexto profissional e pessoal das alfabetizadoras, o qual implica diretamente nos seus saberes construídos no decorrer da prática em sala de aula e, por sua vez, na organização do seu trabalho pedagógico mediante os desafios que emergem a cada turma que assumem.

Para acompanhamento e reflexão sobre os saberes da docência alfabetizadora e os desafios que se impõe aos docentes, apresentamos uma proposta de curadoria de estratégias, ideias, jogos, sequências didáticas, e materiais que partem dos principais conceitos e recursos para o trabalho pedagógico na alfabetização.

Por ser resultado de um Mestrado Profissional, esta pesquisa não poderia deixar de ter um caráter aplicado, uma vez que seu objetivo principal é resolver uma questão de ordem prática no contexto alfabetizador cotidiano. Com propósito de qualificar as atividades pedagógicas no ambiente escolar é fundamental articular teoria e prática na intenção de converter a construção de saberes em um caminho possível para aprofundar o conhecimento neste campo.

Assim, ao nos concentrarmos no diálogo com professoras alfabetizadoras acerca da leitura e da escrita iniciais, buscamos influenciar o contexto de professores e alunos, propondo um ambiente de reflexão e intervenção que poderá proporcionar transformações nas abordagens metodológicas no campo da alfabetização. Essas abordagens devem dialogar com os desafios e necessidades do cotidiano escolar. Ao trazer à tona os desafios enfrentados pelos professores na alfabetização, a pesquisa oferece subsídios para o desenvolvimento do trabalho pedagógico contextualizado. Desse modo, não apenas compreendemos as práticas, mas também que saberes são acionados ao refletirmos sobre alternativas que possam ser implementadas no cotidiano escolar da alfabetização.

O Instrumento Curador para/sobre a Alfabetização inclui materiais necessários para pensar a leitura e a escrita, de forma inovadora, tendo como ponto de partida os saberes docentes, as trilhas construídas e os desafios manifestados pelas professoras colaboradoras expressos no processo interpretativo produzido que se tornaram achados do estudo.

Este documento curador está subdividido em cinco eixos[1], abordando: usos e funções da língua, escrita espontânea, produção textual, consciência fonológica e leitura Deleite. A seguir apresentamos as definições sobre cada eixo, bem como indicamos elementos teóricos capazes de subsidiar o processo reflexivo dos professores, favorecendo a organização do trabalho pedagógico para aqueles que se sentirem convidados a repensar a dinâmica da sala de aula.





O uso e funções da língua pressupõe atividades capazes de promover o reconhecimento dos objetos culturais, bem como diferentes portadores de escrita no contexto sociocultural onde estão inseridos, construindo e ampliando assim, novos repertórios (Bolzan, 2020, p. 12). Ler e escrever são construções sociais, exigindo que pensemos sobre os sentidos que cada época e cada circunstância histórica atribuem a estes processos (Ferreiro, 2002; Soares, 2004).

Os usos e funções da língua no contexto da alfabetização desempenham um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, social e linguístico das crianças. Durante o processo de alfabetização. A língua não é apenas vista como um meio de comunicação, mas também como uma ferramenta essencial para a construção do conhecimento, a socialização e o pensamento crítico. Escutar, falar, ler e escrever são quatro habilidades básicas que nos permitem agir socialmente no uso da língua. Ou seja, são as habilidades linguísticas que as pessoas desenvolvem ao se relacionarem e comunicarem umas com as outras. No que se refere ao aluno surdo, estas habilidades não são construídas da mesma forma, tendo em vista que sua primeira língua, de nascimento, é a língua de sinais (libras).

No processo de alfabetização os usos da língua envolvem uma série de práticas que vão além do desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita. Elas incluem:

- **Uso simbólico:** a língua, ao ser aprendida, é utilizada para representar conceitos e realidades. A alfabetização permite que a criança faça uma associação entre símbolos gráficos (letras) e seus significados, ampliando sua compreensão do mundo.
- **Uso social:** a língua é também um meio de interação social. No processo de alfabetização, a criança começa a entender que a linguagem não serve apenas para nomear coisas, mas também para estabelecer relações, negociar significados e interagir com o outro, reconhecendo o uso de diferentes formas de utilização dos registros por meio de práticas sociais (identificação de placas, distinção entre gêneros de escrita, relacionando objetos e materiais com seus usos e funções).
- **Uso cognitivo:** durante a alfabetização, a língua auxilia no desenvolvimento do pensamento. A escrita, por exemplo, permite à criança organizar e estruturar ideias de forma mais lógica e reflexiva.



As funções da língua são fundamentais para a construção de significados e para a relação entre linguagem, pensamento e conhecimento. Seguindo a classificação de Roman Jakobson (2010), podemos identificar algumas funções predominantes:

- **Função referencial:** a criança aprende a usar a língua para representar e descrever o mundo. Refere-se ao que está em jogo na mensagem emitida, por isso é resultado de uma operação psicológica, cognitiva (Jakobson, 2010).
- **Função emotiva:** toda a escrita está direcionada para o remetente e possui uma Função Emotiva (ou expressiva). Ela visa a uma expressão direta de quem fala, suscita certa emoção, verdadeira ou simulada (Jakobson, 2008). Linguisticamente ela é marcada pela primeira pessoa, por interjeições, adjetivos, advérbios e sinais de pontuação.
- **Função conativa:** durante o processo de alfabetização, a criança aprende a usar a língua de forma direta para influenciar o comportamento do outro, seja para fazer pedidos, questionamentos ou solicitações. A função conativa é essencial para a interação e negociação no ambiente escolar, por exemplo, nas trocas com colegas e professores. Linguisticamente ela é caracterizada por frases no vocativo e imperativo, dando ordens ou conselhos ao destinatário, e pela segunda pessoa do verbo (Jakobson, 2008).



- **Função Fática:** Nesta as mensagens são orientadas para o canal são fundamentalmente utilizadas para prolongar ou interromper a comunicação, verificando se o canal funciona. Seu papel é atrair a atenção do interlocutor e procura confirmar sua atenção continuamente. Ela encontra-se nos meios de comunicação, como na mídia televisiva. (Jakobson, 2008).

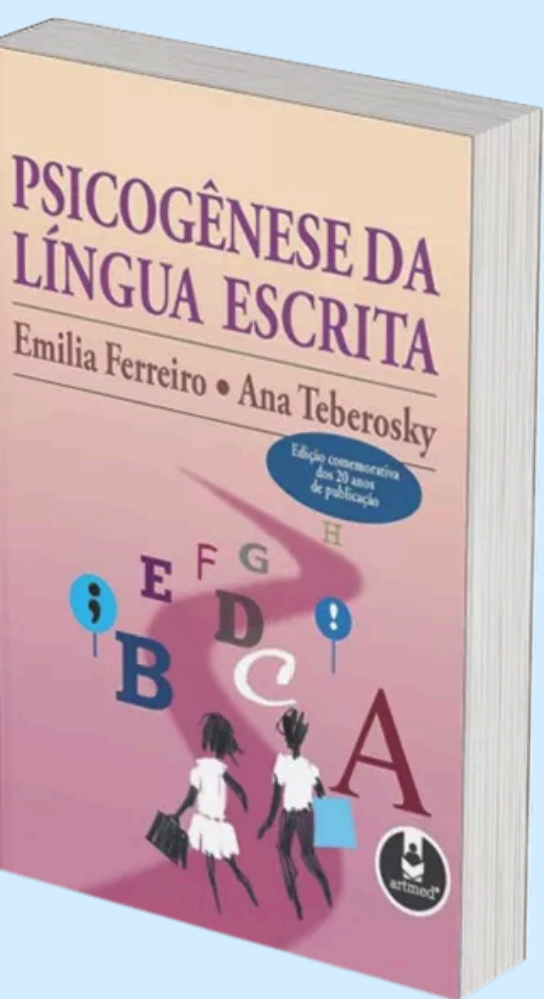


- **Função metalinguística:** a alfabetização também envolve o uso metalinguístico da língua, já que a criança começa a refletir sobre a própria língua. Entende-se que a função metalinguística se manifesta evidentemente em frases que fornecem informações a respeito do código lexical de um idioma, o que Jakobson (2010, p. 162) chamou de “sentenças equacionais”. De acordo com Chalhub (2002, p. 48), o código “[...] é um sistema de símbolos com significação fixada, convencional, para representar e transmitir a organização dos seus sinais na mensagem, circulando pelo canal entre a emissão e a recepção”.

- **Função Poética:** aqui a mensagem está voltada para si mesma, suas características físicas, sonoras e visuais no seu modo peculiar de mostrar-se – como nas formas de construção típicas da poesia concreta (Chalhub, 2002).

A alfabetização e o desenvolvimento linguístico estão fortemente ancorados em teorias que destacam a importância da língua no processo de aprendizagem. Algumas das mais influentes incluem:

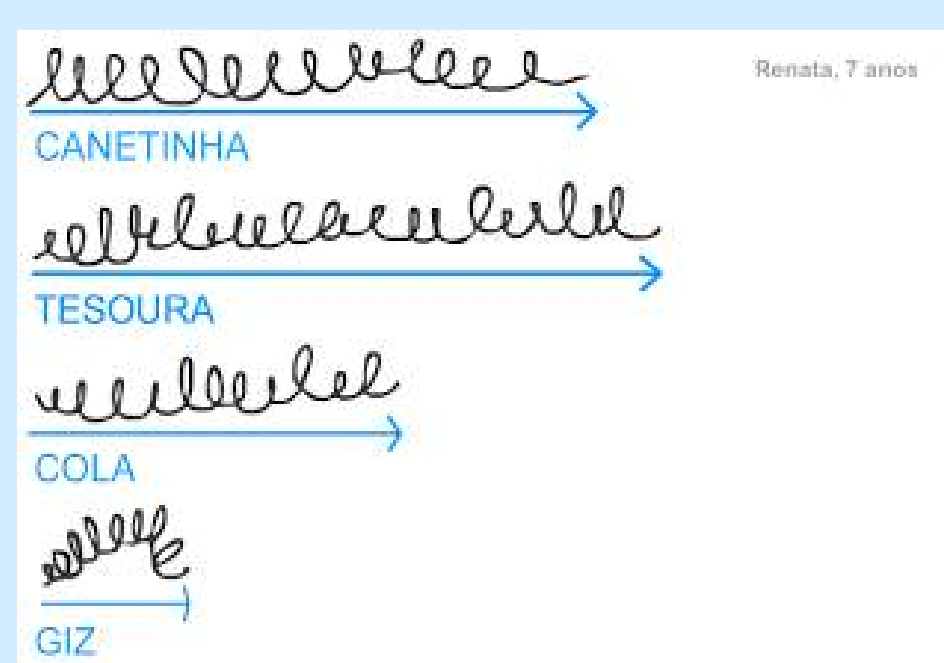
1. Psicogênese da Língua escrita de Ferreiro e Teberosky (1985)



O estudo sobre a Psicogênese da Língua Escrita propõe uma abordagem psicogenética sobre como as crianças, na fase de aprendizagem da língua escrita, constroem gradualmente o conhecimento sobre esse sistema. O estudo é baseado na observação de crianças, tanto em idade escolar quanto pré-escolar, que estão no processo de aprendizagem da escrita.

As autoras identificam que as crianças não apenas reproduzem o que aprendem de maneira mecânica, mas desenvolvem uma série de hipóteses e conceitos próprios sobre a escrita à medida que interagem com ela. Essas hipóteses estão associadas ao entendimento da função e da estrutura da língua escrita, e não ao simples ato de copiar ou memorizar palavras.

Na teoria da psicogênese pensada e apresentada por Ferreiro e Teberosky, os alunos devem passar por quatro períodos, sendo, pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e o alfabético.



Essas hipóteses representam diferentes estágios do desenvolvimento da escrita, e a transição entre elas não é necessariamente linear, pois depende de fatores como o ambiente em que a criança está inserida, suas experiências prévias com a escrita e sua maturação cognitiva.

2. Teoria Histórico Cultural de Vygotsky (1896-1939):

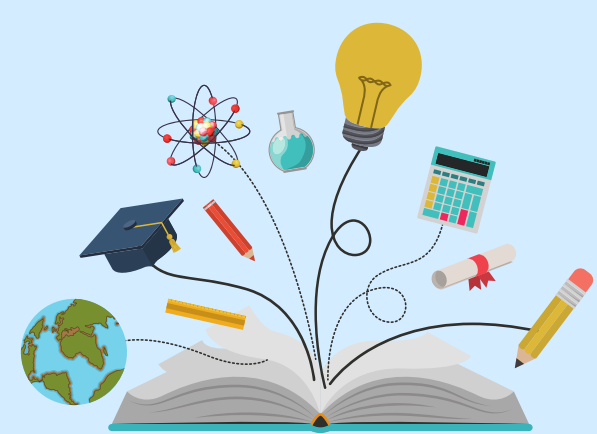


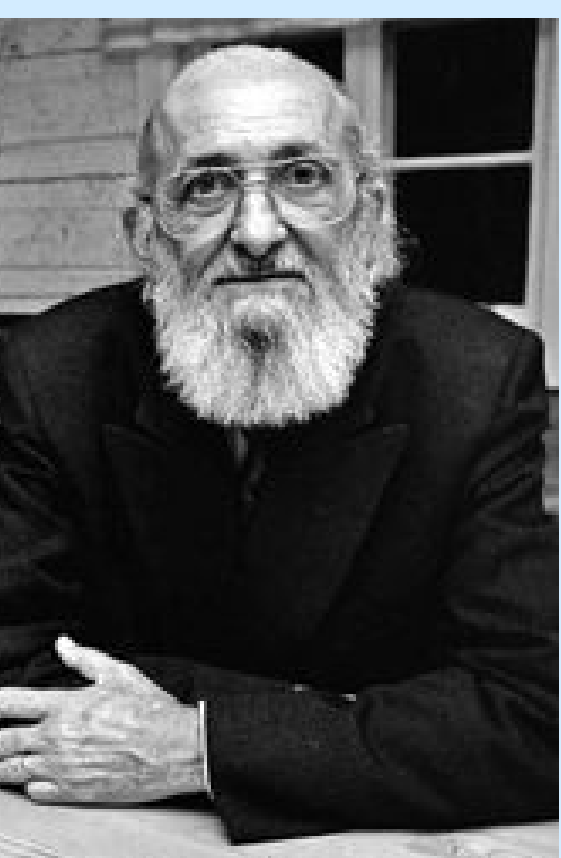
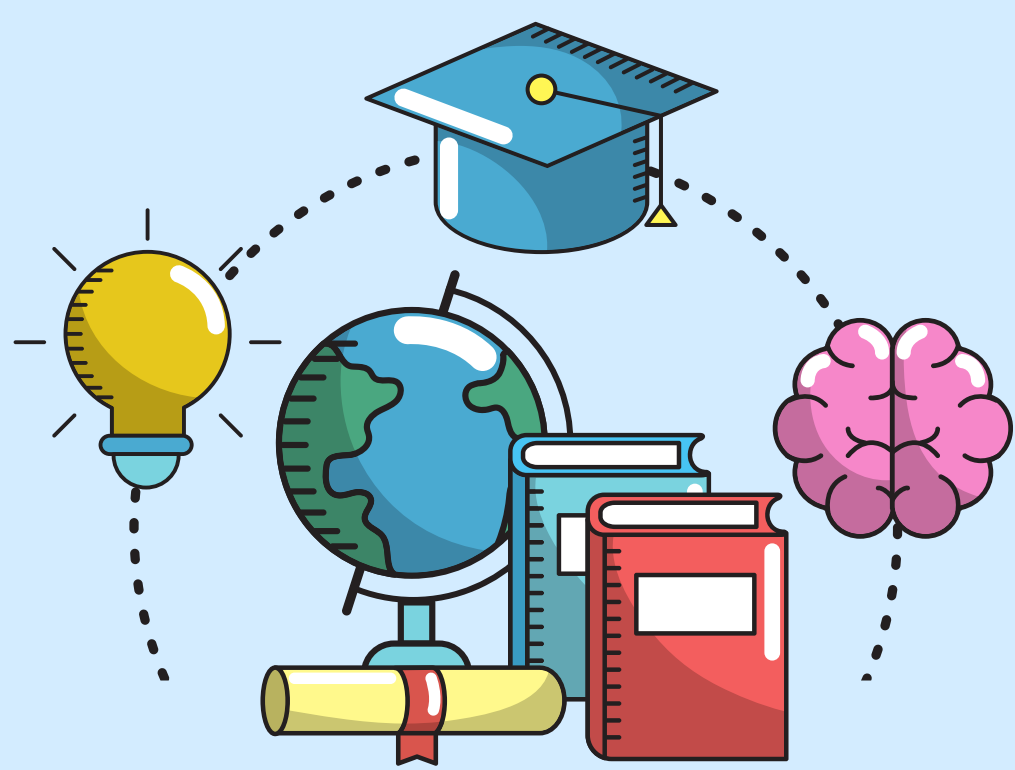
O autor vê a linguagem como um instrumento de mediação no desenvolvimento cognitivo. Ele argumenta que a interação social e a linguagem desempenham papéis cruciais no processo de alfabetização, permitindo à criança internalizar conhecimentos e habilidades a partir da interação com outros (professores, colegas, etc.). A linguagem, segundo Vygotsky, é essencial para a construção de conceitos e para o pensamento abstrato (Guilherme; Morgan, 2018).

3. Teoria Cognitiva de Piaget (1896-1986):

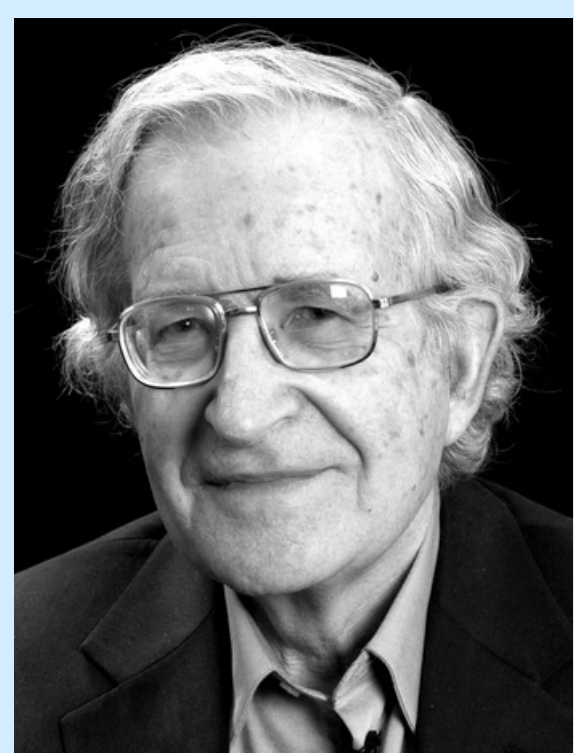


Jean Piaget acredita que a linguagem e o pensamento estão interligados e se desenvolvem juntos. A alfabetização, para Piaget, é um processo em que a criança não apenas aprende a ler e escrever, mas também organiza suas experiências cognitivas de maneira mais estruturada. Ele destaca a importância da construção ativa do conhecimento e como as crianças, ao se alfabetizarem, ampliam sua capacidade de compreender o mundo. (Miranda e Senra, 2012).

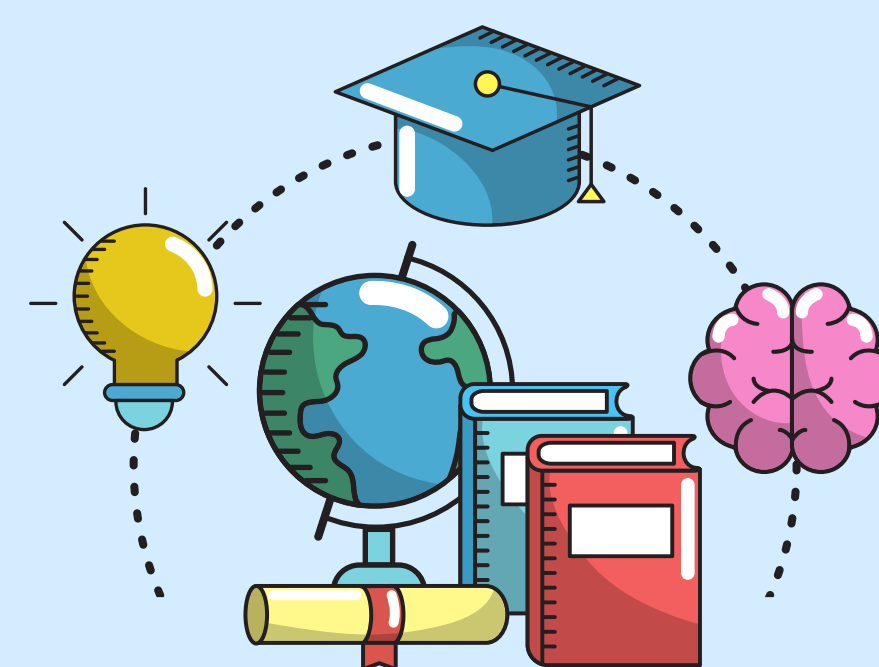




4. Teoria do Ensino de Língua de Paulo Freire (1921-1997): Paulo Freire vê a alfabetização não apenas como um processo técnico de aprender a ler e escrever, mas também como um processo de conscientização e de transformação social. A língua é vista como uma ferramenta de emancipação, ajudando a criança e os adultos a compreender e questionar sua realidade. Freire enfatiza a função da língua como meio de crítica e participação ativa no mundo social (Araújo et al., 2013, p. 7).



5. Teoria da Competência Linguística de Chomsky (1928-2025): No contexto da alfabetização, a competência linguística, conceito introduzido por Noam Chomsky, pode ser aplicada para explicar como as crianças adquirem a capacidade de decodificar e compreender a estrutura da língua escrita. Chomsky enfatiza que a criança possui uma capacidade inata de aprender a língua e, durante a alfabetização, ela passa a dominar regras linguísticas universais (Scarpa, 2001, p. 4).



A alfabetização vai além da simples mecânica de decodificar símbolos e envolve o desenvolvimento das funções cognitivas, sociais e emocionais da língua. A criança, ao ser alfabetizada, passa a usar a linguagem de maneira mais complexa, não apenas para entender o mundo, mas também para moldá-lo, por meio da reflexão, da comunicação e da interação, fazendo da língua uma ferramenta de pensamento e comunicação.

No processo de alfabetização, os usos e funções da língua são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e social da criança. Esse processo não se limita à aquisição de uma técnica da leitura e escrita, mas abrange uma série de habilidades linguísticas que permitem à criança entender e interagir de maneira mais eficaz com o mundo ao seu redor. A fundamentação teórica fornecida por autores como Vygotsky, Freire, Piaget e Chomsky oferece a base para entender como a linguagem desempenha um papel essencial nesse processo de desenvolvimento integral.



A escrita espontânea é uma fase crucial no processo de alfabetização porque permite que a criança experimente a escrita, se engaje ativamente com o processo e construa gradualmente seu entendimento sobre como a escrita funciona. Este processo deve ser visto como um momento positivo e não como algo a ser corrigido imediatamente, pois ele mostra o desenvolvimento do pensamento linguístico da criança e serve como um ponto de partida para a aprendizagem formal da ortografia, gramática e convenções de escrita.

Além disso, a escrita espontânea é uma forma de auto expressão que ajuda a criança a compreender a escrita como uma ferramenta de comunicação, um meio pelo qual ela pode expressar suas ideias, desejos, e até mesmo sentimento. Isso a motiva a continuar aprendendo a escrever de maneira mais eficiente e sistemática.

No processo de alfabetização é importante que a criança experimente suas hipóteses experienciando diferentes propostas que envolvam leitura e escrita, a fim de que se sinta encorajada a avanços no processo alfabetizatórios.

É uma forma livre e espontânea de escrita apresentada pela criança, que tem a oportunidade de experimentar suas ideias e concepções acerca da língua escrita explicitando suas hipóteses.



A escrita espontânea desempenha um papel significativo no processo de alfabetização, pois é um dos primeiros meios pelos quais a criança expressa seus pensamentos, ideias e experiências por meio da escrita, antes do domínio da língua convencional. A escrita espontânea envolve a produção de textos sem a preocupação com normas ortográficas e gramaticais estabelecidas, sendo mais focada na tentativa de se comunicar por escrito, a partir daquilo que já foi internalizado pela criança sobre a linguagem oral e a escrita.

É um processo natural de tentativa (e erro), no qual a criança, ao iniciar o processo de alfabetização, escreve palavras e frases baseadas em suas concepções e conhecimento intuitivo da língua escrita, sem se preocupar com a ortografia convencional. Esse tipo de escrita é um reflexo da compreensão parcial das relações entre os sons e as letras, mas ainda sem o domínio das convenções ortográficas. Logo nos primeiros passos da alfabetização, a criança tem maior liberdade para fazer tentativas despretensiosas, sem medo de errar. Isso possibilita a escrita espontânea, ou seja, uma escrita livre, sem finalidades específicas.

Isso não quer dizer que a escrita espontânea não tenha um objetivo pedagógico, pelo contrário, por meio dela a criança é capaz de alcançar muitos objetivos de aprendizagem. Tudo o que a criança escreve enquanto está no processo de aprendizagem da representação da língua começa com a escrita espontânea.

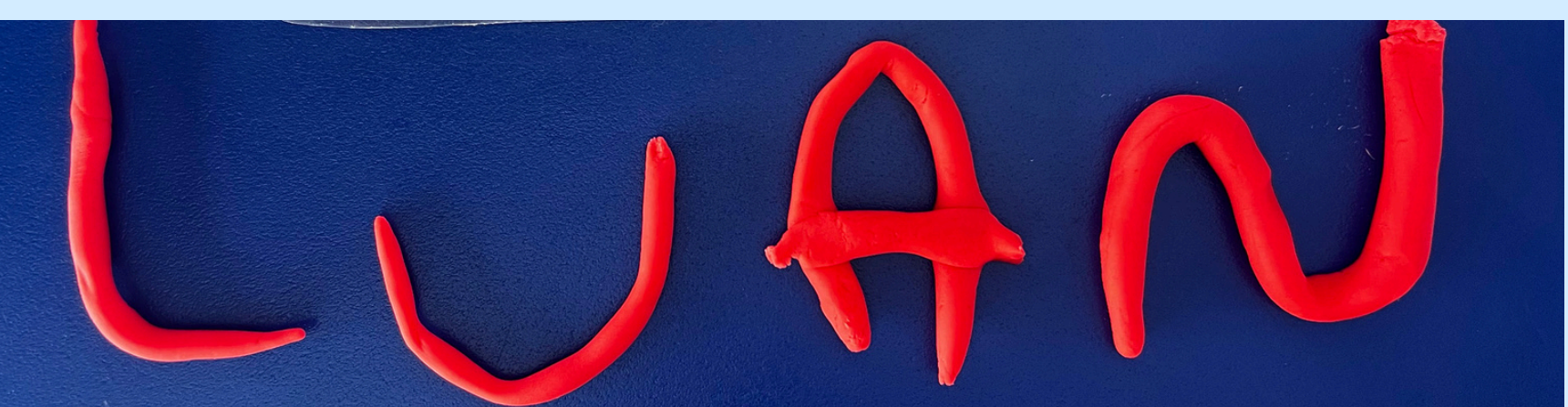
No início, a criança pode usar símbolos, letras ou sequências de letras que não correspondem exatamente aos sons ou às palavras de forma padronizada, mas que, de alguma maneira, representam uma tentativa de escrever e se comunicar por meio da escrita.

A escrita espontânea tem uma série de funções essenciais ao processo de construção da leitura e da escrita.

- **Função exploratória:** ao escrever espontaneamente, a criança começa a explorar as possibilidades da língua escrita, como a correspondência entre os sons e as letras. Esse tipo de escrita ajuda na construção da consciência fonológica, já que a criança tenta relacionar fonemas (sons) e grafemas (letras) de maneira intuitiva.

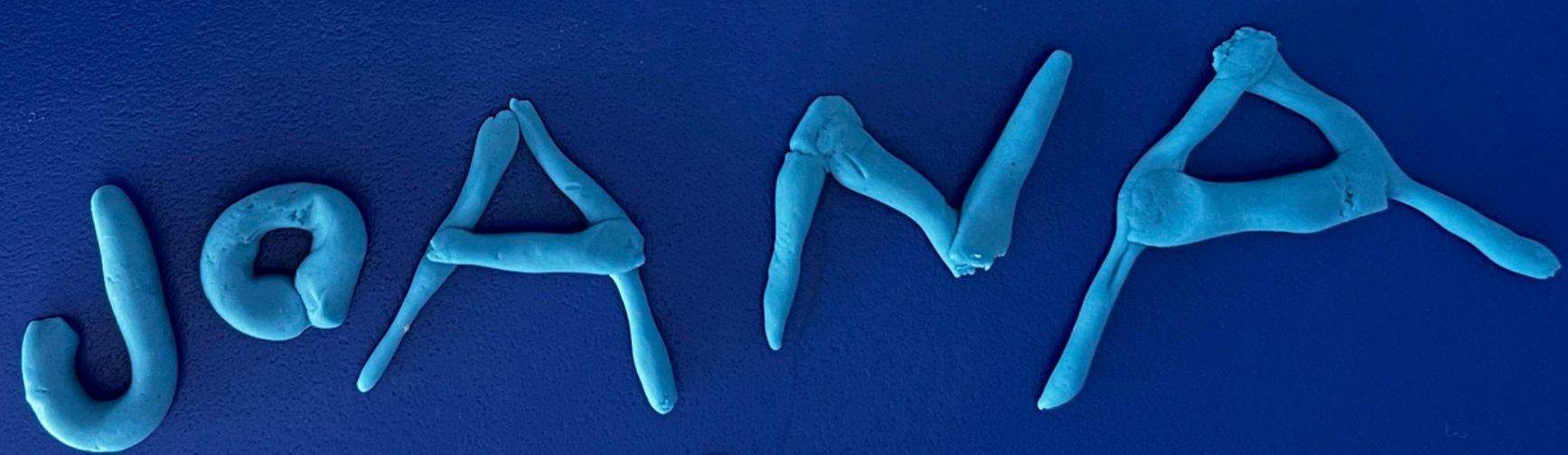


- **Função comunicativa:** mesmo que a escrita espontânea não seja convencional, ela serve para a criança se expressar e tentar comunicar ideias. A escrita, nesse momento, cumpre uma função social, permitindo que a criança compartilhe seus pensamentos e sentimentos com os outros, mesmo que o texto ainda não esteja totalmente compreensível para quem o lê.
- **Função criativa:** a escrita espontânea permite à criança um espaço para experimentar com a linguagem. Ela é incentivada a pensar sobre o que quer escrever e como expressar suas ideias, estimulando a criatividade e o pensamento reflexivo. Esse processo ajuda a criança a se tornar mais segura de suas habilidades linguísticas e a desenvolver uma relação mais significativa com a escrita.
- **Função cognitiva:** a escrita espontânea também facilita a organização do pensamento. A criança começa a refletir sobre a estrutura e a forma das palavras e frases, e isso contribui para a construção de habilidades cognitivas essenciais para o desenvolvimento da leitura e da escrita mais convencionais.



Diversas teorias educacionais e psicológicas explicam a importância da escrita espontânea no processo de alfabetização. Algumas das mais influentes incluem:

- **Teoria do Desenvolvimento Cognitivo de Piaget:** para o autor, o desenvolvimento cognitivo das crianças ocorre por meio de estágios que são caracterizados por diferentes formas de interação com o ambiente. A escrita espontânea pode ser vista como uma fase do estágio pré-operacional (aproximadamente dos 2 aos 7 anos), no qual as crianças começam a experimentar a linguagem escrita sem ainda dominar as regras ortográficas convencionais. Nesse contexto, a escrita espontânea representa a capacidade da criança de manipular símbolos de maneira exploratória e criativa, antes de aprender as convenções formais da escrita.



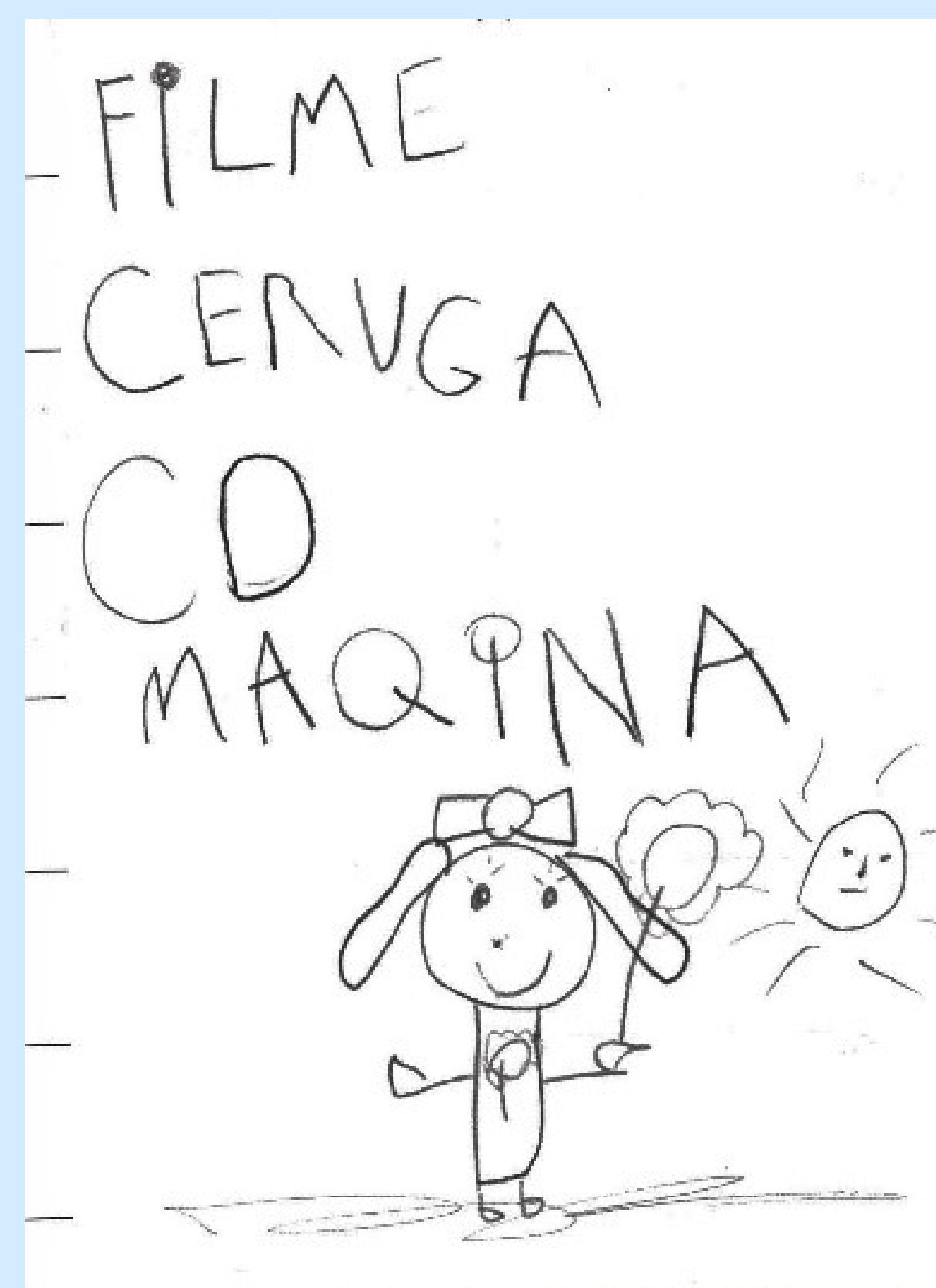
- **Teoria Histórico Cultural de Vygotsky:** O autor enfatiza o papel da interação social no desenvolvimento cognitivo. Para ele, a linguagem (falada e escrita) é uma ferramenta de mediação para o desenvolvimento do pensamento e da consciência. A escrita espontânea, nesse sentido, é uma maneira pela qual a criança começa a internalizar a escrita como um meio de comunicação, em um processo de mediação com o ambiente (professores, pais, colegas) e com os textos que são apresentados a ela. A escrita espontânea, portanto, é um reflexo da exploração pessoal e social da linguagem escrita.
- **Abordagem Construtivista de Bruner:** este autor, assim como Piaget, acreditava que as crianças constroem ativamente seu conhecimento sobre o mundo, inclusive sobre a linguagem escrita. A escrita espontânea é um momento importante nesse processo de construção, já que, ao escrever de forma não convencional, a criança começa a perceber e a se envolver com os processos de transformação das ideias em símbolos escritos



- **Teoria Histórico Cultural de Vygotsky:** O autor enfatiza o papel da interação social no desenvolvimento cognitivo. Para ele, a linguagem (falada e escrita) é uma ferramenta de mediação para o desenvolvimento do pensamento e da consciência. A escrita espontânea, nesse sentido, é uma maneira pela qual a criança começa a internalizar a escrita como um meio de comunicação, em um processo de mediação com o ambiente (professores, pais, colegas) e com os textos que são apresentados a ela. A escrita espontânea, portanto, é um reflexo da exploração pessoal e social da linguagem escrita.
- **Abordagem Construtivista de Bruner:** este autor, assim como Piaget, acreditava que as crianças constroem ativamente seu conhecimento sobre o mundo, inclusive sobre a linguagem escrita. A escrita espontânea é um momento importante nesse processo de construção, já que, ao escrever de forma não convencional, a criança começa a perceber e a se envolver com os processos de transformação das ideias em símbolos escritos



- **Abordagem sociopsicolinguística na aquisição da linguagem escrita de Braggio (1992, p. 28):** “[...] organização social do comportamento linguístico, o qual inclui não somente o uso da língua, mas também as atitudes e comportamentos das pessoas com relação à língua e seus usuários”. Para a autora, a criança sabe que a linguagem tem uma função e importante papel na sua comunicação. Por sua vez, a criança se apropria da leitura e desenvolve a competência gramatical no mesmo período e mediante as suas interações sociais.



LAURA



Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), o objetivo da prática de produção de textos é o de formar escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes (BRASIL, 1998). A produção textual desenvolve a criatividade, o senso crítico, mediante a sua prática alarga-se o universo cultural da criança. De acordo com Marcuschi (2008), "Um texto é produzido sobre certas condições, por um autor com certos conhecimentos e determinados objetivos e intenções". Logo, torna-se importante no processo alfabetizatório a inserção da produção textual.

A produção textual no processo de alfabetização é um tema fundamental na educação, envolvendo a capacidade de escrever e se comunicar por meio da linguagem escrita. Diversos conceitos científicos ajudam a entender como a produção de textos pode ser estimulada e aperfeiçoada durante o processo de alfabetização. Alguns dos principais conceitos referenciados cientificamente incluem:





1. Leitura e escrita como práticas sociais

A teoria sócio construtivista, proposta por Vygotsky, enfatiza a linguagem como uma ferramenta social e cultural. Para ele, a escrita não é apenas um ato técnico de transcrição de sons, mas também um meio de interação social. Nesse sentido, a produção textual é vista como uma prática social que depende do contexto e das intenções comunicativas do indivíduo. O processo de alfabetização se dá não apenas por meio da aprendizagem de símbolos, mas também pela imersão das crianças em situações reais de leitura e escrita.

2. Processo de escrita: da produção à reescrita

O processo de escrita no contexto da alfabetização é visto como algo cíclico, envolvendo momentos de produção inicial, revisão e reescrita. A teoria de Vygotsky propõe a zona de desenvolvimento proximal, quando a criança escreve inicialmente com o auxílio de um adulto ou colega mais experiente, passando progressivamente a escrever com maior autonomia. Isso se reflete nas práticas de produção textual, no qual o aluno é incentivado a revisar e aprimorar seus textos ao longo do processo, não se limitando à escrita inicial.



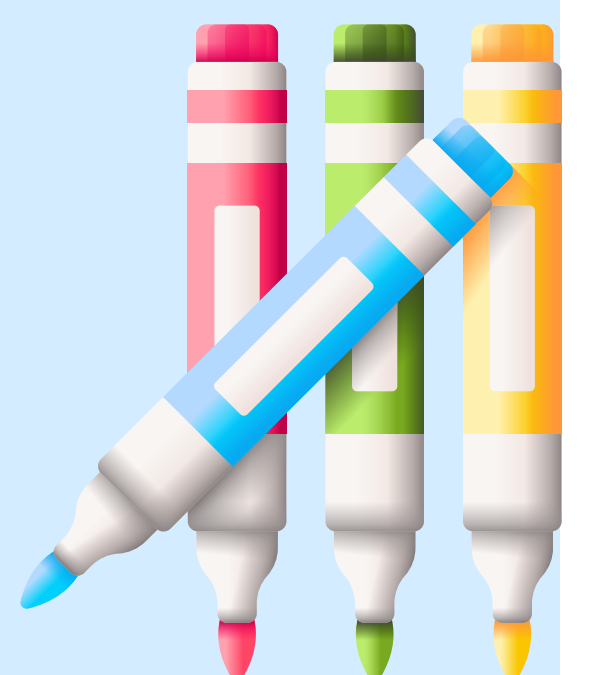


3. A Relação entre a leitura e produção textual

Diversos estudos apontam que a leitura e a produção textual estão intimamente relacionadas. Quando crianças leem mais, elas tendem a escrever com mais eficácia. Solé (2002) e Kleiman (1995) defendem que a compreensão dos textos lidos ajuda a criança a entender melhor a estrutura textual e a linguagem escrita, o que se reflete em sua capacidade de produzir textos mais ricos e coerentes. A leitura amplia o vocabulário e oferece modelos de organização textual, o que facilita a produção escrita.

4. A Importância do gênero textual

O conceito de gênero textual, proposto por Bakhtin e ampliado por outros teóricos, como Marcuschi (2008), é essencial no ensino de produção textual. O gênero textual é uma categoria que organiza a produção de textos com base em convenções sociais e comunicativas. A alfabetização deve considerar os diferentes gêneros, como narrativas, descrições, instruções, cartas, entre outros, ajudando as crianças a entender a estrutura e a função de cada tipo de texto, promovendo a produção textual mais apropriada a cada contexto.



5. Aspectos cognitivos e metacognitivos na produção de textos

Pesquisas científicas como as de Flower e Hayes (1980) sugerem que a produção de textos envolve processos cognitivos complexos, incluindo a formulação de ideias, a organização de informações e a revisão do que foi escrito. A metacognição, ou seja, a consciência que o aluno tem sobre seu próprio processo de escrita, é crucial para a melhoria da produção textual. As crianças que desenvolvem a habilidade de refletir sobre o que estão escrevendo tendem a produzir textos mais coerentes e organizados.

6. Prática reflexiva e interação

O modelo de produção de texto reflexivo, desenvolvido por Emília Ferreiro e Ana Teberosky em seus estudos sobre a psicogênese da língua escrita, reforça a importância de se considerar a evolução do pensamento da criança sobre a escrita. A reflexão sobre os erros, a troca de ideias com colegas e o feedback constante são fundamentais para o desenvolvimento da produção textual. As interações com pares, professores e outros leitores, ao longo do processo de escrita, incentivam a melhoria contínua.





7. Escrita criativa e expressão pessoal

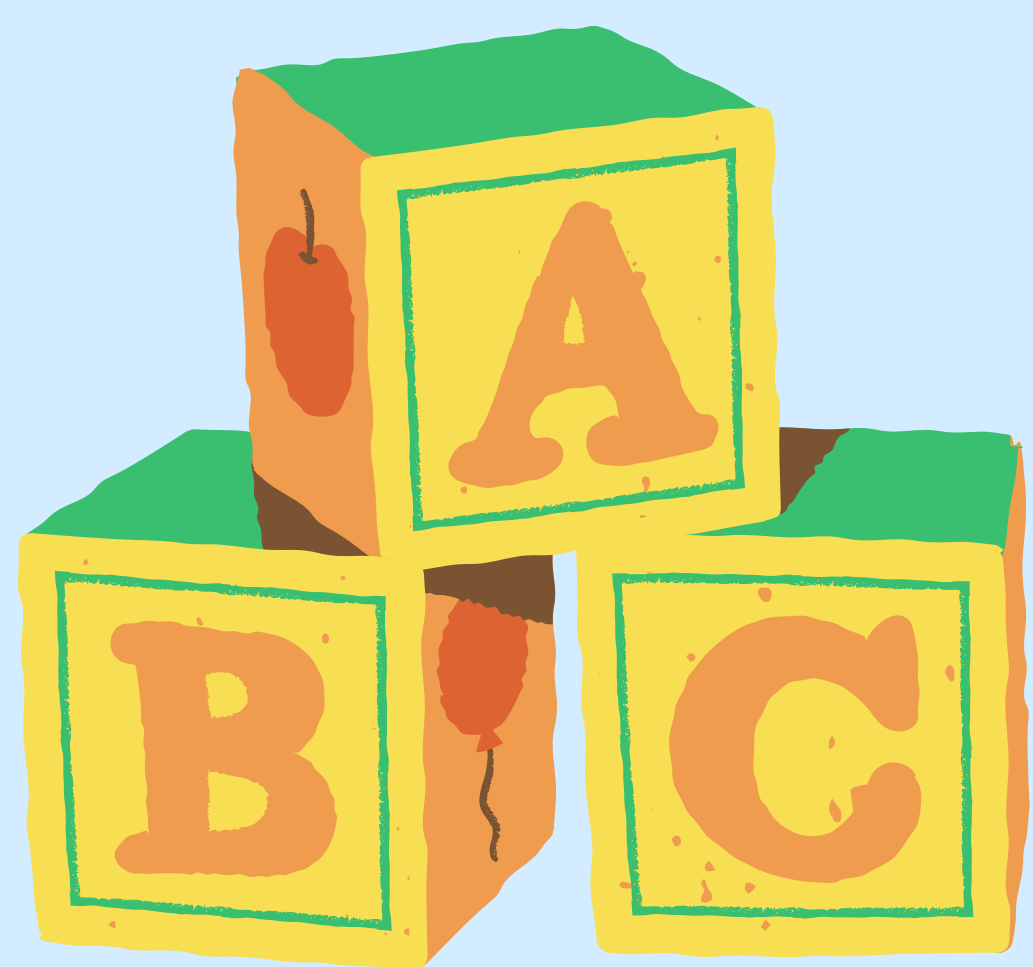
As ideias e abordagens presentes nas publicações e pesquisas na área da alfabetização, de Artur Gomes de Moraes destacam a importância da produção textual como ferramenta essencial no processo de alfabetização, enfatizando a escrita como um meio de expressão e construção de conhecimento.

Mores argumenta que a produção textual permite que os alunos integrem diferentes habilidades linguísticas, como leitura, escrita, ortografia e gramática, em um contexto significativo. Ele defende que, ao produzir textos, os estudantes não apenas aplicam regras linguísticas, mas também desenvolvem a capacidade de organizar ideias, refletir sobre o uso da linguagem e comunicar-se de forma eficaz.

Além disso, o autor destaca que a produção textual deve ser contextualizada e relacionada à realidade dos alunos, promovendo um ambiente de aprendizagem que valorize suas experiências e conhecimentos prévios. Essa abordagem contribui para o engajamento dos estudantes e facilita o processo de alfabetização, tornando-o mais significativo e conectado ao cotidiano dos alunos.

Nessa mesma direção, Walter Ong e David Olson (1998), afirmam que a escrita é um meio de expressão criativa e pessoal. A alfabetização não deve se restringir à codificação mecânica, mas deve fomentar a capacidade de criar narrativas e expressar ideias de forma única e autoral. A prática da produção textual deve proporcionar um espaço para que as crianças explorem sua imaginação, sua visão de mundo e suas emoções por meio da escrita.

Esses conceitos teóricos evidenciam a produção textual como um processo dinâmico, que envolve não apenas a aprendizagem das regras gramaticais e ortográficas, mas também o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e criativas, fundamentais para o sucesso no processo de alfabetização.





A consciência fonológica é um dos componentes fundamentais no processo de alfabetização, pois se refere à habilidade de perceber e manipular os sons da linguagem falada. É a capacidade de segmentar as palavras em unidades menores, como sílabas e fonemas, e de perceber as semelhanças e diferenças entre os sons da linguagem. É a capacidade de desmontar e reconstruir palavras, dando ao aprendiz as ferramentas essenciais para decodificar e compreender a escrita.

Este conceito está intimamente relacionado com a compreensão das relações entre sons (fonemas) e letras (grafemas) e desempenha um papel central no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

Alguns conceitos científicos e teóricos sobre a consciência fonológica no processo de alfabetização:





1. Definição e componentes da consciência fonológica

A consciência fonológica é um termo amplo que engloba a habilidade de reconhecer, refletir e manipular unidades sonoras da linguagem, como palavras, sílabas, rimas e fonemas. Ela é composta por diferentes níveis ou componentes, que vão desde a percepção de rimas e aliteração (sons repetidos no início de palavras) até a habilidade de identificar e manipular fonemas individuais.

- **Consciência de rima:** capacidade de identificar e produzir palavras que rimam (ex.: "cão" e "pão").
- **Consciência silábica:** capacidade de segmentar palavras em sílabas e manipular essas unidades.
- **Consciência fonêmica:** capacidade de identificar, isolar, segmentar e manipular os fonemas (sons individuais) dentro das palavras. Este é o nível mais específico e refinado de consciência fonológica.





2. Consciência fonêmica e o processo de alfabetização

A consciência fonêmica é a habilidade de identificar e manipular os fonemas nas palavras faladas, sendo essencial para o aprendizado de leitura e escrita. Segundo Adams (1990), a consciência fonêmica está diretamente ligada ao sucesso da alfabetização, pois permite que as crianças compreendam a correspondência entre os sons da fala e as letras ou grafemas escritos. Para aprender a ler e escrever, as crianças precisam ser capazes de segmentar palavras em fonemas, bem como associar esses fonemas a suas representações gráficas.

3. Desenvolvimento da consciência fonológica

A consciência fonológica é a habilidade de reconhecer e manipular sons na linguagem falada. Ela é um aspecto fundamental do processo de alfabetização e está diretamente ligada à produção de textos. Estudos, como os de Snow (2010) e Adams (1990), evidenciam que a habilidade de compreender a relação entre sons e letras (fonemas e grafemas) facilita a escrita das palavras de forma correta. Crianças que desenvolvem uma boa consciência fonológica tendem a produzir textos com mais precisão ortográfica.





4. Consciência fonológica e a ortografia

A consciência fonológica tem uma relação direta com o desenvolvimento da ortografia. Ferreiro e Teberosky (1999), em seus estudos sobre a psicogênese da língua escrita, destacam que as crianças passam por diferentes estágios de compreensão da relação entre fonemas e grafemas. Inicialmente, elas tentam representar os sons das palavras de forma aproximada (fase pré-silábica), depois começam a associar fonemas às letras de forma mais consistente (fase silábica), e por fim dominam a ortografia mais complexa e as regras fonológicas (fase alfabética).

5. Desenvolvimento da consciência fonológica e a leitura

Pesquisas científicas, como as de Snow (2010), indicam que a consciência fonológica é um preditor significativo do sucesso na leitura. Crianças com boa consciência fonológica tendem a aprender a ler mais facilmente, pois conseguem mapear os fonemas nas palavras escritas de forma eficiente. Além disso, a habilidade de segmentar e manipular fonemas é essencial para o desenvolvimento da fluência na leitura e para o reconhecimento ortográfico das palavras.





6. Intervenções e Práticas Pedagógicas

De acordo com pesquisas como as de Yopp e Yopp (2000), práticas pedagógicas focadas no desenvolvimento da consciência fonológica, como jogos de rimas, atividades de segmentação de palavras e manipulação de fonemas, são altamente eficazes. Essas atividades ajudam as crianças a desenvolverem uma percepção mais aguçada dos sons na linguagem e facilitam a aprendizagem da leitura e da escrita. Estudos apontam que intervenções bem estruturadas que trabalham a consciência fonológica podem prevenir dificuldades de aprendizagem, como a dislexia.



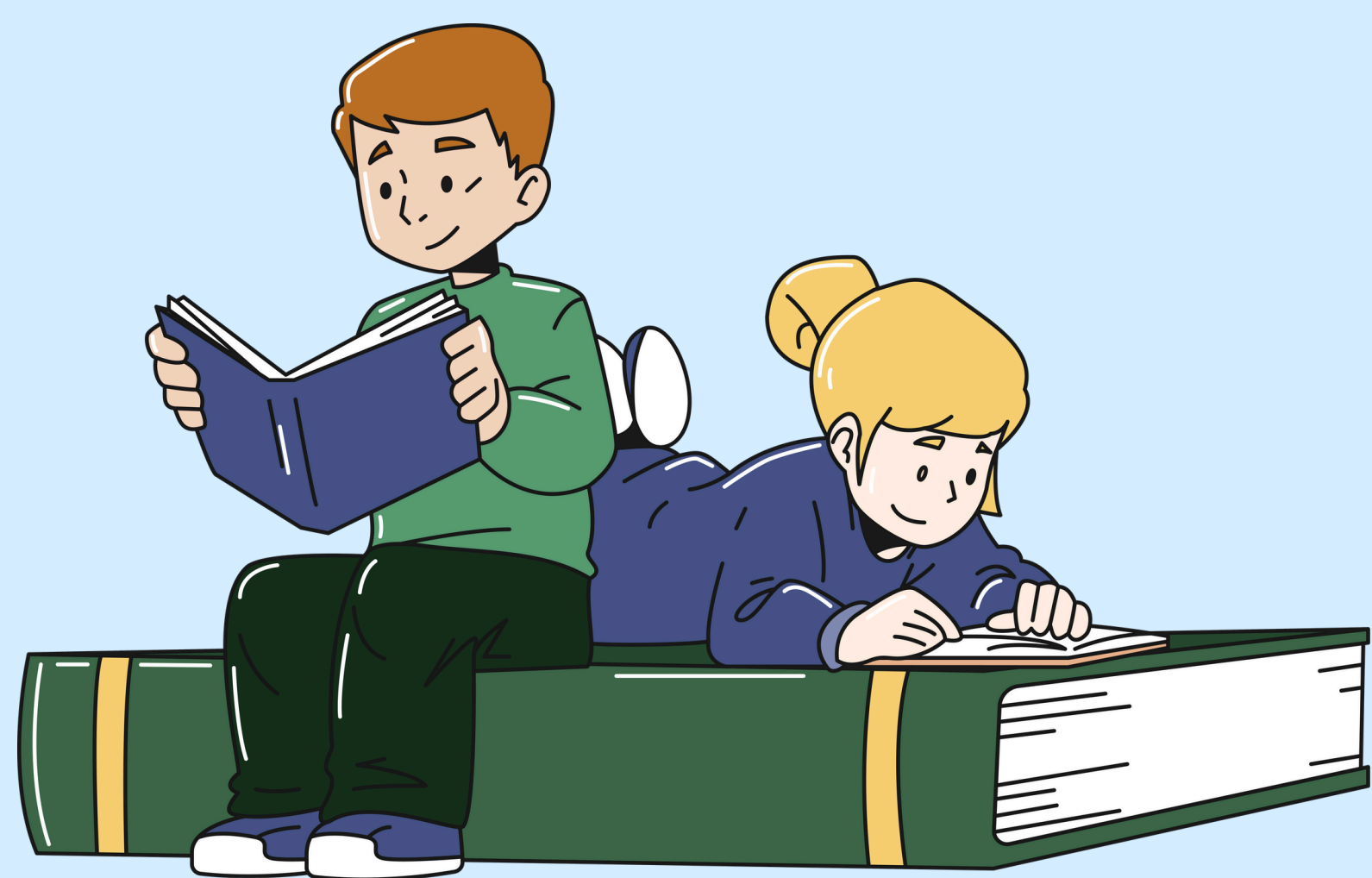


A leitura Deleite (ou leitura prazerosa) no processo de alfabetização refere-se a uma abordagem que visa despertar o prazer e o envolvimento dos alunos com os textos, promovendo a leitura como uma experiência positiva e significativa, além de ser uma ferramenta de aprendizagem. Essa prática prazerosa contribui não apenas para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, mas também para a formação do gosto pela leitura ao longo da vida.

Entendemos a leitura Deleite como uma experiência de formação.

Larrosa (2012) que ao acionar nossa reflexão a partir dessa leitura, passamos a explorar novas categorias como a apreciação, o prazer e a fruição do momento formativo. Assim, [...] não se pode pedagogizar, nem didatizar, nem programar, nem produzir experiência; que a experiência não pode fundamentar nem produzir nenhuma técnica, nenhuma prática, nenhuma metodologia” (Larrosa, 2014, p.17).

A seguir, seguem alguns conceitos científicos que sustentam a importância da leitura Deleite no processo de alfabetização.



1. Leitura como ato cognitivo e emocional

A leitura não é apenas uma habilidade técnica, mas também um processo emocional e cognitivo, conforme enfatizado por autores como Rosenblatt (1978). Segundo ela, a leitura pode ser vista como um "ato de interação" entre o leitor e o texto, onde o prazer e o envolvimento emocional são essenciais. A teoria de Rosenblatt destaca a importância da experiência estética na leitura, que é mais significativa quando o leitor está envolvido de forma afetiva, criando um vínculo com o texto. No contexto da alfabetização, essa perspectiva ajuda a entender como a leitura Deleite pode impulsionar o desenvolvimento da leitura como uma prática prazerosa.



2. Teoria do letramento crítico

Paulo Freire e Donaldo Macedo (1987) propõem uma concepção de leitura crítica e prazerosa, que é essencial para o letramento, como sendo um processo de interação com os textos no qual o leitor não apenas decodificar palavras, mas também se envolve com as ideias, questiona e reflete sobre o conteúdo. Essa abordagem destaca a importância de tornar o ato de ler uma experiência enriquecedora, onde o aluno vê a leitura não como uma tarefa, mas como uma forma de adquirir conhecimento, prazer e despertar a curiosidade.



3. Leitura literária e imersão

A leitura literária é um tipo de leitura que envolve o prazer de conhecer diferentes mundos, personagens e histórias. Mikhail Bakhtin (1981), ao estudar os gêneros textuais e suas relações com a sociedade, propõe que a literatura deve ser vista como uma forma de ampliar o repertório cultural e emocional do leitor. A leitura de textos literários, com narrativas ricas e envolventes, contribui para que as crianças se sintam motivadas e imersas na experiência de leitura. A literatura, especialmente em sua forma mais lúdica e criativa, tem o poder de criar uma experiência estética que é tanto cognitiva quanto emocional.

4. Teoria da recepção e do prazer na leitura

A teoria da recepção, defendida por Hans Robert Jauss (1982), propõe que a experiência de leitura é influenciada pelas expectativas e pelo contexto do leitor. A ideia é que o leitor traz seus próprios sentimentos e experiências ao interagir com um texto, e essa interação é o que torna a leitura uma experiência prazerosa. Esse conceito é importante para a alfabetização, pois destaca como a leitura prazerosa se dá não apenas pela habilidade de decodificar palavras, mas pela capacidade de se conectar afetivamente com o texto, tornando a leitura uma atividade prazerosa e significativa.

5. A leitura no contexto do Ensino Fundamental

Em contextos de alfabetização, a leitura Deleite se alinha com a proposta de Margarida M. Silva (2010), que sugere que as crianças devem ser introduzidas ao mundo da leitura de maneira prazerosa, por meio de atividades que provoquem prazer e curiosidade. A leitura, portanto, deve ser estimulada não como uma mera obrigação, mas como um meio de descoberta e diversão. Essa abordagem leva em consideração as características do desenvolvimento infantil e como o prazer pode ser um poderoso motor para o aprendizado. A interação com livros ilustrados, histórias em quadrinhos, contação de histórias, e outras formas de literatura pode promover uma aprendizagem prazerosa e significativa.

6. A influência do ambiente leitor e o modelo sociocultural

A teoria sociocultural de Vygotsky enfatiza que a leitura e a escrita não são habilidades isoladas, mas se desenvolvem a partir das interações sociais. Segundo essa teoria, o ambiente em que a criança está inserida influencia diretamente sua atitude em relação à leitura. O modelo sociocultural propõe que a leitura deleite pode ser promovida em um ambiente rico em recursos literários e em práticas de leitura compartilhada, como a leitura em voz alta e as interações com os colegas e professores. A leitura prazerosa é, portanto, uma experiência que se dá não apenas individualmente, mas também através de práticas coletivas de leitura.



7. O papel da contação de histórias

A contação de histórias é uma das estratégias mais poderosas no desenvolvimento do prazer pela leitura. Pesquisas indicam que, quando as crianças têm a oportunidade de ouvir histórias contadas por adultos ou por outras crianças, elas começam a perceber a leitura como algo prazeroso e emocionante. Catherine Snow (2010) destaca que, por meio da contação de histórias, as crianças não apenas desenvolvem habilidades linguísticas, mas também começam a entender os significados, contextos e formas das narrativas, o que as motiva a ler por conta própria.

A leitura Deleite no processo de alfabetização é fundamentada em diversas teorias que reconhecem a importância do prazer e da motivação no aprendizado da leitura. O envolvimento afetivo com o texto, o contexto sociocultural, a leitura literária e a contação de histórias são componentes-chave que tornam a leitura uma experiência prazerosa e significativa. Ao fomentar a leitura como algo prazeroso, as crianças se tornam mais engajadas no processo de alfabetização e desenvolvem habilidades de leitura e escrita de maneira mais eficaz e duradoura.

Para explicar como tais eixos poderão ser trabalhados em sala de aula, segue um quadro com sugestões de atividades e indicações bibliográficas. Tanto as indicações de atividades quanto bibliográficas servirão de subsídios para o professor alfabetizador pensar sua prática.



SÍNTESE DA EXPLORAÇÃO DOS EIXOS POR MEIO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

EIXOS

Eixo 1: Usos e funções da língua

ATIVIDADES ELENCADAS

- Caça às letras
- Bingo das letras
- Formação de palavras com letras móveis
- Jogo da memória de palavras e figuras
- Leitura compartilhada
- Reconto de histórias
- Escrita criativa
- Teatro de fantoches
- Conhecendo autores e suas histórias
- Diferentes gêneros textuais (oferta e conhecimento)
- Leitura continuada (ler um livro segmentado em vários dias)
- Liberdade para leitura e exploração individual
- Orientação formal da leitura.

INDICAÇÃO P DE BUSCA E/OU ACESSO A EXEMPLOS OU SUGESTÕES

Site com dica para formar letra do alfabeto e brincadeiras:

<https://lunetas.com.br/brincadeiras-palavras-alfabetizacao/>.

Relato de atividade de contação de história:

https://editorarealize.com.br/editora/anais/enalic/2023/TRABALHO_COM_IDENT_EV190_MD3_ID3764_TB766_31082023094146.pdf.

Práticas Pedagógicas: intervenção, ceale, capacidades

Ceale - Centro de alfabetização, leitura e escrita - UFMG - Coleções do Ceale disponíveis online



A B C D E F
G H I J K L M
N O P Q R S T U
V W X Y Z

EIXOS

Eixo 2: Escrita espontânea

ATIVIDADES ELENCADAS

- Dinâmicas de ditados (ditado estourado, ditado mudo...)
- Caixa de correio
- Bilhetes e cartas
- Jogos de escrever palavras
- Listas (brinquedos, nomes, alimentos...)
- O que é, o que é
- Palavra secreta
- Legendas (para imagens, fotos...)

INDICAÇÃO P DE BUSCA E/OU ACESSO A EXEMPLOS OU SUGESTÕES

Criatividade e imaginação, pode levar a criança a aprender mediante brincadeiras e dinâmicas, dica de atividades com o site:

https://papodaprofessora-denise.com.br/aprenda-brincando-com-o-ditado-estourado/?srsltid=AfmBOorfsR-JqrqBOMBEVIGI2DI_O8nOBO-BkbGqHIFHqpeM77itl2K_

As palavras secretas estimulam o raciocínio da criança e a imaginação, vinculando desenhos, imagens a letras e assim formando as palavras.

Dica de acesso a materiais:

<https://pedagogiaaquiemcasa.com.br/produto/palavra-secreta/>

<https://youtu.be/xhewGmbRnw4>.



EIXOS

Eixo 3: Produção textual

ATIVIDADES ELENCADAS

- Histórias em quadrinhos
- Textos coletivos
- Finais diferentes para histórias
- Descrições (descrever um colega, um animal...)
- Fábrica de textos (com dados, painéis, envelopes...)
- Figuras sequenciadas
- Caixa de roteiros (com objetos, dicas, palavras, imagens...)
- Cartum/Criação de personagens

INDICAÇÃO DE BUSCA E/OU ACESSO A EXEMPLOS OU SUGESTÕES

As histórias em quadrinhos são uma linguagem que estão diretamente envolvidas no contexto educacional e se inserem como componente significativo durante a aprendizagem. o site <https://www.deusnogibi.com.br/hq-na-escola/gibis-na-alfabetizacao/>, fornece dicas de trabalho com história em quadrinhos e com Gibis com as Crianças.

A “Fábrica de Textos” é uma ferramenta educativa que estimula a criatividade e a habilidade de escrita dos alunos. Um jogo interativo concebido para levar a criança à compreensão das etapas e dos processos envolvidos na redação de um texto.

<https://youtu.be/imxbct1xJrU?si=uJv3p0ZlqrNpM6FM>



EIXOS

ATIVIDADES ELENCADAS

INDICAÇÃO P DE BUSCA E/OU ACESSO A EXEMPLOS OU SUGESTÕES

Eixo 4: Consciência fonológica

- Rimas e aliterações
- Quebra cabeça de sílabas (segmentação de palavras)
- Jogo da preguicinha (exploração de sons iniciais e identificando sons finais)
- Jogos de adivinhações
- Manipulação de fonemas (gato/pato)
- Quadrinhas
- Parlendas
- Trava língua

O jogo como o quebra-cabeça no processo de ensino-aprendizagem, na Educação Infantil, contribui para o desenvolvimento psicomotor, físico, social, afetivo e emocional das crianças. Esse pode ser trabalhado de forma impressa para as crianças unirem desenhos, imagens, palavras, e também virtual mediante jogos online. Dica de site com jogos de quebra cabeças:

<https://www.escolagames.com.br/jogos/quebra-cabeça>.

https://www.youtube.com/live/u1sb5U_b5O8?si=JaWiOVkyoXTJkdO7



EIXOS

Eixo 5: Leitura Deleite

ATIVIDADES ELENCADAS

- Leitura em duplas/rodinha de leitura
- Leitura compartilhada
- Indicações/propaganda de livros
- Exploração de capas de livros.
- Conhecendo autores e suas histórias
- Diferentes gêneros textuais (oferta e conhecimento)
- Leitura continuada (ler um livro segmentado em vários dias)
- Liberdade para leitura e exploração individual
- Orientação formal da leitura.

INDICAÇÃO DE BUSCA E/OU ACESSO A EXEMPLOS OU SUGESTÕES

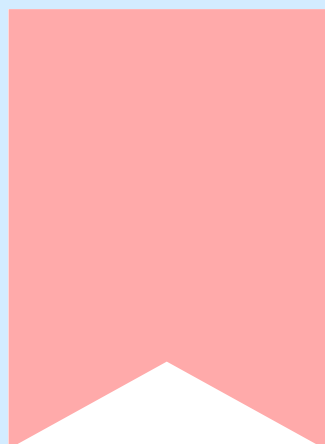
Na atividade de leitura em duplas ou em rodinhas de leitura, os alunos leem trechos da obra aos poucos, um ajudando o outro. Assim elas compartilham da leitura, escolhem o que querem ler e passam a raciocinar e imaginar sobre o trecho da obra. Indica-se o plano de aula Rodas de Leitura: <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/1ano/lingua-portuguesa/rodas-de-leitura/2945>.

Explorar as capas de livros é uma forma de atrair as crianças pelas imagens, para a leitura da história que essa imagem representa. Indicação de plano de aula para trabalhar com manuseio de livros :

<https://novaescola.org.br/planos-de-aula/educacao-infantil/creche/manuseio-de-livros/2652>.

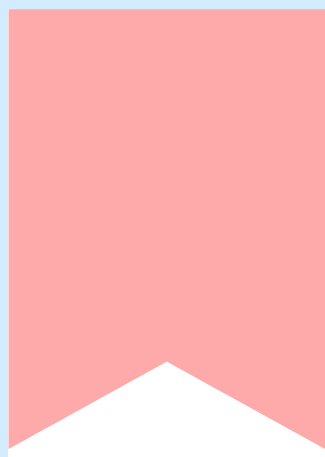
https://youtu.be/P1uYZPZu_xM





A partir do quadro proposto para o produto educacional, será possível evidenciar os saberes docentes implicados no processo de alfabetização. A intencionalidade deste instrumento é provocar a reflexão sobre as atividades que o professor alfabetizador pode lançar mão como um estímulo para o pensar pedagógico na construção da leitura e da escrita nas etapas iniciais da escolarização, no Ensino Fundamental.

A ação pedagógica é influenciada não apenas pela experiência profissional, mas também pelo que se faz durante essa experiência. Portanto, é importante considerar qual o compromisso epistemológico deste instrumento no fazer pedagógico, não o utilizando de forma descolada da prática pedagógica. Propõe-se um conjunto de literaturas e subsídios para a formação e o fazer pedagógico, incluindo grupos de estudos, literaturas formativas e conhecimento do processo de alfabetização, visto que a reflexão diária sobre como interferir na aprendizagem do aluno é essencial. Entretanto, o material só será útil se o professor se dispuser a efetivamente (Pinheiro, 2023).



Com base na psicogênese da língua escrita, apresentamos os principais conceitos e leituras que auxiliam o professor na dinâmica organizacional do processo de alfabetização, além de outras referências que podem contribuir para o aprofundamento dos temas que envolvem o ensino da leitura e da escrita nos anos iniciais.

Esse produto educacional foi elaborado primeiramente em formato digital, podendo ser impresso, para que possa ser utilizado por diferentes professores e instituições de ensino. O produto é um documento que descreve as características, objetivos, procedimentos e resultados de um produto educacional desenvolvido em uma pesquisa acadêmica, geralmente em um mestrado profissional. Este serve para orientar a elaboração, a validação, a divulgação e a avaliação do produto educacional, bem como para registrar a sua contribuição para a área de conhecimento e para a sociedade (Pinheiro, 2023).

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luis. Alfabetização e Linguística. São Paulo: Scipione, 1989.

CURIN, Jucelaine. Organização do trabalho pedagógico na escola da infância/creche e o uso dos registros audiovisuais: contribuições docentes. Dissertação de Mestrado (Políticas Públicas e Gestão Educacional), Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2023.

DANTAS, Ireny Bueno; CARNEIRO, Lindaura Rodrigues. A leitura no Ensino Fundamental: desafios e possibilidades. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 22, n. 34, 13 de setembro de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/34/a-leitura-no-ensino-fundamental-desafios-e-possibilidades>. Acesso em: 08 mar. 2023.

FERREIRO, Emília. Alfabetização e cultura escrita. Revista Escola, São Paulo, n. 27, p. 27-30, 2003. Disponível em: http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0162/aberto/mt_245461.shtml. Acesso em: 04 mai. 2023.

FERREIRO, Emília. Uma reflexão sobre a língua oral e a aprendizagem da língua escrita. Revista Pedagógica Pátio: leitura e escrita em questão, 2004.

FERREIRO, Emília. O ingresso na escrita e nas culturas do escrito: seleção de textos de pesquisa. São Paulo: Cortez, 2013.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FIAD, Raquel Salek. Escrever é reescrever. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2006 (Coleção Alfabetização e Letramento).

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça F. C.; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (org.). Glossário Ceale: Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/UFMG. 2014.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva et al. Tecnologias digitais na alfabetização: o trabalho com jogos e atividades digitais para aquisição do sistema alfabético e ortográfico da escrita. Belo Horizonte: Faculdade de Educação UFMG. 2018.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; MORAIS, Artur Gomes de. Letramento e alfabetização: pensando a prática pedagógica. In: BRASIL.Ministério da Educação. Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, p. 69-83, 2006.

LEMLE, Miriam. Guia teórico do alfabetizador. São Paulo: Ática, 2007.

MACEDO, Donaldo. Alfabetização e pedagogia crítica. In: FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

MARCUSCHI, Luis. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 296.

MACHADO, Ana. Maria. Menina bonita do laço de fita. 7.ed. São Paulo: Ática, 2000.

MORAIS, Artur de. Sistema de Escrita Alfabética. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MOOJEN, Sonia; LAMPRECHT, Regina; SANTOS, Rosangela.; FREITAS, Gabriela; BRODACZ, Raquel; COSTA, Adriana. CONFIAS: Consciência Fonológica: Instrumento de Avaliação Sequencial. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

NERUDA, Pablo. Ode a uma estrela. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

NUNES, Terezinha; BUARQUE, Lair; BRYANT, Peter. Dificuldades no aprendizado da leitura: teoria e prática. São Paulo: Cortez, 1992.

ONG, Walter. Oralidade e cultura escrita: a tecnologia da palavra. Tradução de Ênio Abreu Dotranszky. São Paulo: Papyrus, 1998.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. Pátio Revista Pedagógica, p. 96-100, fev. 2004.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. A. M. et al. (orgs.). A escolarização da leitura literária. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 17-48.

TEBEROSKY, Ana. Psicopedagogia e linguagem escrita. Campinas: UNICAMP, 1990.

TEBEROSKY, Ana. Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações educacionais. São Paulo: Ática, 1994.

TEBEROSKY, Ana et al. Aprender a ler e a escrever. Porto Alegre: Artmed, 2013.

TOMITCH, Lêda Maria Braga (org.). Aspectos cognitivos e instrucionais para a leitura. Bauru (SP): EDUSC, 2008.

VYGOTSKY, Lev S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone Edusp, 1988.

VYGOTSKY, Lev S. Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores. Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.